

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

CANGAÇO DIGITAL? O CONSUMO DE VIOLÊNCIA NAS REDES SOCIAIS E SEUS IMPACTOS NA SUBJETIVIDADE DE ADOLESCENTES SERTANEJOS¹

Renata Guaraná de Sousa Lorena

O presente trabalho parte de uma pesquisa-interventiva² em nível de doutoramento, que se encontra em fase de finalização, de tal forma que aqui será apresentado um recorte específico que pretende problematizar o consumo excessivo de violência nas redes sociais digitais. O objetivo principal da pesquisa de doutorado foi investigar acerca das postagens feitas por adolescentes em momentos de intenso sofrimento. Partiu-se da pergunta: como os usuários das plataformas digitais se apresentam através das suas publicações quando estão tomados por um sofrimento difícil de expressar por meio de palavras? Para responder tal questão, a pesquisa se utilizou de uma metodologia híbrida através da qual propôs uma atividade em grupo em duas escolas, amparada na conversação psicanalítica, e concomitantemente, acompanhou os perfis digitais dos participantes nas redes sociais.

A conversação psicanalítica é um instrumento de aplicação da psicanálise proposta por Jacques-Alain Miller como estratégia de trabalho para pesquisas acadêmicas com propostas interventivas no campo da educação. Como método em pesquisas é feita uma aposta na oferta da palavra, através da qual os participantes podem fazer uso de um espaço de fala e de escuta (Dias et al, 2019). Tem como premissa a possibilidade de uma associação livre coletivizada, através da qual o significante trazido à tona por um participante toca e faz eco em outro participante que, afetado pelo que escutou, pode contribuir com suas próprias representações, fazendo assim deslizar a cadeia significante (Ferreira, 2018).

Foram conduzidos três grupos, cada um com cerca de 10 participantes, com adolescentes entre 11 e 14 anos, em duas escolas localizadas no Município de Serra Talhada. Os participantes foram indicados pelos professores, gestores e pelos próprios

¹ A pesquisa conta com o financiamento do CNPq.

² Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE 73188323.0.0000.5206, em 25 de agosto de 2023

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

alunos. A pesquisadora principal mediu os encontros com apoio de estudantes de Psicologia, anteriormente selecionados e treinados. Foram realizados em média oito encontros com cada grupo e cada encontro teve duração em torno de 90 minutos.

Além da coleta de dados através das conversações, os participantes do estudo autorizaram a pesquisadora a acompanhar suas publicações nas redes sociais digitais. Sendo assim, a metodologia entrelaçou os dados produzidos na escola, através do contato direto com os estudantes, com os dados da netnografia sobre o comportamento digital dos adolescentes em redes sociais digitais, principalmente o Instagram, por ser o aplicativo mais utilizado pelos participantes.

Como o estudo aconteceu no Sertão do Pajeú, torna-se fundamental detalhar algumas características peculiares da região. Impossível não começar pelas figuras públicas de maior destaque: Lampião e Maria Bonita. Segundo Clemente (2007, p. 02), o cangaço não se resume a Lampião, porém ele condensa e representa o movimento de “banditismo típico do sertão nordestino”. Sua representatividade se justifica pela posição de liderança e por ser reconhecido como “valente, habilidoso em combate e tinha o exemplo acima da palavra”.

Apesar de sua expressividade, a história do cangaço levanta controvérsias, principalmente no que se refere à questão ética do movimento visto por alguns como bandidagem e por outros como traços de heroísmo. A possibilidade de heroísmo se justifica pela premissa de que o cangaço era um agrupamento de justiceiros, empenhados em distribuir aos pobres a riqueza concentrada nas mãos dos coronéis. Por outro lado, o movimento era conhecido pelas práticas cruéis de estupro, torturas, matança, executadas sem piedade.

A cidade de Serra Talhada segue sendo conhecida pela violência praticada nas ruas. Atualmente, sua maior expressão se concentra nas brigas entre famílias e no tráfico de drogas. São corriqueiras as execuções com armas de fogo à plena luz do dia, em ambientes abertos, públicos e com grande circulação de pessoas, como praças, bares, calçadas. A vítima normalmente é executada sem possibilidade de reação ou defesa e quem está ao redor assiste à cena, correndo algum risco de se ferir acidentalmente, porém as execuções costumam ser eficazes em mirar apenas na vítima (Sá, 2024).

Os participantes da pesquisa são atravessados por essa cultura cangaceira presente nas ruas por onde circulam. Além disso, na pesquisa foi possível perceber que

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

de forma adicional à violência nas ruas, os adolescentes consomem conteúdo digital de cenas de suicídio, chacina, tortura.

Apesar do objetivo inicial da pesquisa de doutorado ter sido analisar as publicações dos adolescentes nos momentos de sofrimento psíquico, percebemos que mais do que publicar, os usuários consomem conteúdos nas redes sociais digitais quando acometidos por uma angústia da ordem do inominável. Segundo os dados do mais recente relatório da *Digital in 2024 Global Overview*, uma pesquisa que quantifica as atividades dos usuários da internet entre 16 e 64 anos em 53 das maiores economias mundiais, o Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking dos países em que a população passa mais tempo nas redes sociais digitais. A pesquisa confirmou que os brasileiros gastam, em média, por dia, 3h e 37 minutos nas redes sociais.

Apesar da população deste estudo – adolescentes entre 11 e 14 anos - não estar contemplada no relatório, os dados coletados na pesquisa em pauta indicam que os adolescentes são usuários ativos nas redes sociais e gastam mais tempo do que gostariam conectados às plataformas. A maioria dos participantes apontaram que o período online é excessivo e “rouba o tempo” que deveria ser dedicado a atividades rotineiras e obrigatórias como realizar tarefas escolares, trabalhos domésticos, como também achata as oportunidades de socialização corpo a corpo, como frequentar praças, compartilhar refeições com a família.

A pesquisadora Anna Bentes (2019, p. 222) resgata a ideia de Shoshana Zuboff sobre capitalismo de vigilância para apontar o objetivo que norteia as plataformas digitais: levar seus usuários a passar o maior tempo possível conectado nos seus dispositivos. Afinal, somente indivíduos “enganchados e engajados” poderão fornecer a maior quantidade possível de dados que serão devidamente coletados e armazenados visando aumentar “a acuidade preditiva dos mecanismos algorítmicos”. Bentes faz importante denúncia ao apontar que a gestão algorítmica visa “explorar as vulnerabilidades cognitivas e emocionais dos usuários, a fim de influenciar e persuadir suas escolhas comportamentais” (p. 224).

A lógica de marketing digital provoca efeitos para além das decisões mercadológicas, porque o algoritmo dirige as publicações para que o usuário consuma sempre mais do mesmo conteúdo. Assim, quando os adolescentes passam a buscar cenas violentas, espetáculos mórbidos, a plataforma direciona de forma repetitiva informações necromidiáticas, agora sob o rótulo de “cultura gore”.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Sayak Valencia (2010) conduziu uma pesquisa aprofundada na cidade fronteiriça de Tijuana, caracterizada por elevados índices de violência e tráfico de drogas, o que a levou a identificar essa região como o “Lado B” da globalização. A autora argumenta que a faceta sombria do capitalismo é caracterizada por elevados índices de criminalidade, denominando esse fenômeno como “capitalismo gore”. Ela destaca três pilares que sustentam a violência nesse contexto: como uma ferramenta eficaz de mercado, como um meio alternativo de sobrevivência e como um mecanismo de autoafirmação masculina. Fazendo um deslizamento da nomenclatura batizada por Valencia, as postagens com conteúdos violentos compartilhados nas redes sociais digitais recebem a hashtag “cultura gore”, apontando para o consumo recreativo e repetitivo dessas cenas de crueldade extrema.

Serão resgatados alguns recortes da pesquisa que merecem destaque para apontar como o consumo da violência online tem acontecido entre os adolescentes sertanejos, duplamente marcados pelo ambiente violento: desde o cangaço até a cultura gore; das ruas e praças até as publicações online.

No segundo encontro de conversação com o grupo 01 da Escola Central, Maria Alice mostrou sua indignação com as publicações tóxicas indevidamente postadas nas comunidades que participa. Aproveitando este comentário de Maria Alice, a pesquisadora perguntou o que eles consideravam conteúdo ofensivo, pesado. Eva começou expondo que tóxico é conteúdo abusivo, violento, pessoas que tratam mal os outros para “subir na fama”, ou seja, gerar engajamento, curtidas.

Para Ana os conteúdos tóxicos são racistas, e tudo o que “*ferre, machuca e traz sentimentos negativos*”. Nesse momento, Ana tentou exemplificar o que pensava e falou sobre um vídeo muito forte que havia visto, mas não conseguia encontrar palavras para descrevê-lo. Como estava armazenado no seu celular, disponibilizou para que a pesquisadora o assistisse. Alguns participantes se aproximaram para visualizar a cena. No vídeo, uma jovem andava à noite pela estrada escura, enquanto ao longe uma carreta se aproximava. Repentinamente, a moça se jogou na frente do enorme veículo, e várias de suas rodas passaram por cima dela. A finalidade era claramente se matar. A cena do atropelamento já havia sido bastante intensa, porém ao final ainda apareceu o estado do corpo após o acidente, completamente desconfigurado, ensanguentado. A cena continha um real traumático no seu despudor que realmente o tornava difícil de ser nomeado.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

A pesquisadora ficou impactada com o vídeo, porém o que mais lhe chamou a atenção foi a naturalidade com a qual os adolescentes assistiram à cena e a falta de reação. Diante da discrepância reativa, a pesquisadora abalada e os participantes sem esboçar nenhum afeto, passou-se a investigar como era para eles assistirem vídeos como aquele.

Bárbara foi logo explicando: *“É algo longe como se não fosse comigo”*. Sinalizando uma baixa empatia e distanciamento afetivo com a tragédia. Entretanto, cabe destacar que o cenário no qual aconteceu a fatalidade é muito típico da região em que habitam. A cidade de Serra Talhada é cortada por uma BR de alto fluxo de veículos, carretas, sendo muito semelhante ao ambiente retratado no vídeo. Em contraposição, Gabriel, que até então estava quieto, mostrou sua indignação com as pessoas que gravavam essas tragédias, mas não tinham coragem de ajudar quem estava em sofrimento.

Ana imediatamente discordou de Gabriel dizendo que *“Se ela fez, ela tem um motivo (...) é normal, natural, sentir dor e querer dar um fim à vida”*. Bárbara explicou que Ana gostava muito de assistir esse tipo de conteúdo, elas trocaram olhares, e nesse momento Ana ficou constrangida. Entretanto, Adones e Bárbara revelaram que quando assistem vídeos como aquele, lembravam de Ana e enviavam para ela. Brincou-se dizendo que era um sistema de recomendação entre amigos, em analogia à eficácia dos sistemas de recomendação algorítmicas.

Ainda impactada pela cena assistida, a pesquisadora questionou onde eles tiveram acesso a esse vídeo porque achava que seria banido das redes sociais. Bárbara explicou que tinha visto um pedaço do vídeo no Instagram e foi buscá-lo completo no Google. Ao encontrar, mandou por WhatsApp para Ana, que arquiva a maioria desses vídeos. Adones revelou sobre um site que armazena vídeo com cenas de chacina, tortura coletiva, esclareceu que a maioria era gravada por facções criminosas cuja intenção é mostrar seu poder conquistado através do medo e das ameaças. Alguma semelhança com o cangaço nordestino ou o capitalismo gore da cidade de Tijuana?

Resgatar-se-á outro momento da quarta conversa com o mesmo grupo. A discussão em pauta era sobre bullying e cada participante falava sobre suas experiências em torno do tema. Uma delas citou os massacres escolares como consequência do bullying sofrido no ambiente educacional. Ana, então, passa a explicar que meses antes, justamente quando aconteceu a tragédia na creche em Blumenau e mediante a repercussão nacional do tema, um homem havia invadido a escola gravando

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

o ambiente em postura ameaçadora. Enquanto os alunos ficaram assustados com a possibilidade de uma crueldade, Ana pensou em se aliar ao suposto ameaçador para juntos realizarem uma chacina na escola. Segundo ela, seria a oportunidade para se vingar das pessoas que lhe haviam feito o mal. Apesar da fantasia a respeito da colocação em ato, Ana não representava um perigo à instituição. Tratava-se de um devaneio diurno, uma fantasia de revanche e a conversação foi o local ideal para que ela pudesse nomear seu desejo sem que fosse interpretada como uma ameaça. A possibilidade de colocar em palavras seus pensamentos é justamente o que protege Ana da colocação em ato.

Dentre tantos vídeos violentos consumidos e armazenados por Ana, um lhe deixa sem palavras: o suicídio de uma jovem em um cenário semelhante ao atravessado por ela diariamente. Apesar da incapacidade de nomeação, tal como o inenarrável da pulsão de morte, Ana compartilha a cena em um pedido oculto de intervenção. Quando ela retruca a Gabriel, por um lado naturalizando a tragédia, por outro ela falava de si: *“É normal sentir a dor e querer dar um fim à vida”*. Aquele é o desejo de Ana, colocado em ato pela jovem suicida.

Não à toa, no dia seguinte à conversação na qual a cena descrita se passou, Ana publicou em seu perfil no Instagram um vídeo com a trilha sonora da música “In The End”, de Linkin Park, conhecida como uma canção que retrata a frustração, decepção e desesperança. A associação acontece, para além da letra, pela morte por suicídio de um dos cantores integrantes da banda. No vídeo publicado por Ana apareciam várias cenas de corpos, representados por figuras de anime, mas também outros tipos de desenho, sempre decaídos, mortos, ensanguentados, retratando vestígios de cenas de agressão autodirigidas e personagens em intenso sofrimento.

Ainda que ausente de algumas conversações por suas inúmeras faltas escolares, Ana expôs de diversas maneiras sua dificuldade em contornar seu sofrimento por outra via que não fosse os impulsos destrutivos. Cortava-se com tamanha frequência que as lesões foram se tornando mais profundas e ganhando espaços mais amplos no corpo. Chegou ao ponto de se cortar no tórax na sala de aula, sendo conduzida pelo professor para a direção. A instituição escolar ameaçou comunicar a sua mãe. A conduta foi pavorosa para Ana, pois sua mãe já havia alertado que da próxima vez que surpreendesse a filha se cortando, ela própria pegaria um facão e lhe cortaria o braço. A advertência eleva a situação lesiva ao ápice da violência, da incompreensão e da ameaça de castração.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

A construção da subjetividade de Ana está profundamente influenciada por uma orientação voltada para a morte. Isso pode ser observado através de várias manifestações, como seus atos autolesivos, suas publicações que expressam comportamentos de ruptura, o consumo repetido de conteúdos violentos e as fantasias de massacres escolares. Essas evidências indicam uma produção subjetiva que se alinha com uma perspectiva destrutiva e aniquiladora.

Ampliando a questão para além de Ana e reposicionando o foco para a falta de reação de todo o grupo mediante à cena de horror, trazemos à tona a conclusão de Santos (2022) em sua dissertação de mestrado, cujo objetivo foi investigar a exposição de conteúdos antissociais online. A pesquisadora apontou que o consumo de temas violentos, como forma de entretenimento, provoca estados emocionais negativos com maior presença de sentimento de raiva e hostilidade, como também leva o indivíduo a dessensibilizar, naturalizar e disseminar a violência.

O conteúdo de horror retratado na cena de suicídio e na exposição do corpo dilacerado acessado pelas redes sociais, deixa Ana sem palavras. O real é retratado sem lei e fora de sentido. O véu que recobre cenas de horror é retirado, deixando-as despudoradas. A rede social corta o vídeo, mas deixa seu rastro para ser facilmente encontrado, está acessível em um clique. Há uma banalização da violência, onde cenas reais e cruéis são consumidas de forma compulsiva apontando para uma forma de gozo. Mas Ana se constrange, ao ter revelada sua preferência e consumo excessivo do espetáculo mórbido. Fica evidente sua desregulação pulsional.

Segundo Lima e Santos (2019, p. 280) “os jovens na internet encontram-se desamparados, sem bússola, pois estão sem o suporte de um Outro humanizado. Ficam à deriva, deslizando em um campo sem fronteiras definidas”. Em contraposição ao desamparo e desnorteamento, Ana vivenciou o espaço viabilizado pela conversação. Ainda que tenha apresentado dificuldade de nomeação do seu mal-estar, o ambiente acolhedor e de escuta permitiu que Ana mantivesse a violência dirigida ao Outro via massacre em sua fantasia, não precisando passar ao ato, como também apresentou um efeito de contenção no agir agressivo contra si.

Para além do caso de Ana aqui descrito superficialmente, é possível delinear como a violência presente nas ruas, consumida online e ainda vivenciada no ambiente escolar apresenta desdobramentos na subjetividade dos estudantes que não reagem com espanto, com indignação. Ao contrário, existe uma naturalização do ato violento, do corpo dilacerado, do horror largamente exposto. Como desdobramento apontamos

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

os devaneios violentos, revanche via massacre escolar, vislumbrado por Ana e endossado por colegas como única forma de reagir ao mal.

Finalizamos esse curto texto com a proposta de que a escola e a sociedade viabilizem espaços de reflexão, escuta e fala junto com os adolescentes cujo processo de desenvolvimento está à pleno vapor e têm sido presas fáceis para o que se dissemina de forma online. Ainda, é necessário que se responsabilize as plataformas digitais pela possibilidade de disseminação desses conteúdos, haja vista os efeitos nefastos para toda uma geração.

Referências

BENTES, A. A gestão algorítmica da atenção: enganchar, conhecer e persuadir. *In*: POLIDO, F., ANJOS, L., BRANDÃO, L. (Org.). *Políticas, internet e sociedade*. Belo Horizonte: Iris, 2019.

CLEMENTE, M. *Cangaço e cangaceiros*: histórias e imagens fotográficas do tempo de Lampião. *Revista Fênix*, Vol. 04, nº 4, 2007.

DIAS, V. C. et al.. Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, e179048, p. 1-15, 2019.

FERREIRA, T. Pesquisa em psicanálise: a conversação e a entrevista clínica como ofertas de palavra – a aposta na invenção subjetiva. *In*: FERREIRA, T.; VORCARO, A. (Orgs.) *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

KEMP, S. Digital in 2024: Global overview. *We are social*. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>. Acesso em 10 de agosto de 2024.

LIMA, N.; SANTOS, T. O crescimento da exposição ao real traumático na adolescência: declínio do pudor no imaginário contemporâneo. Trauma e suas vicissitudes. *Cadernos de Psicanálise*, v. 31, p. 265-284, 2015.

MILLER, J. Problemas de pareja, cinco modelos. *In*: *La pareja e el amor*: conversaciones clínicas em Barcelona. Barcelona: Eólia, 2003.

SÁ, G. *Serra-talhadense César Adriano Leite é assassinado na PE-365*. Farol de Notícia, Serra Talhada, 11 de junho de 2024. Disponível em <https://faroldenoticias.com.br/serra-talhadense-e-assassinado-a-tiros/>. Acesso em 05 de julho de 2024

SANTOS, I. *Comportamento antissocial online: uma abordagem pautada no modelo geral da agressão*. Orientador: Carlos Eduardo Pimentel. 2022. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2022.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

VALENCIA, S. *Capitalismo gore*. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2010.